

Levantamento e Caracterização das Atividades de Extrativismo Vegetal na Área de Proteção Ambiental da Baleia Franca¹

Elisa Serena Gandolfo⁽²⁾; Aicha Weimer Scherer⁽³⁾

Resumo Expandido

⁽¹⁾ Trabalho executado com recursos do Edital 12/2013, da Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação do IFSC; ⁽²⁾ Professora de Meio Ambiente, Instituto Federal de Santa Catarina; Garopaba, SC; elisa.serena@ifsc.edu.br; ⁽³⁾ Estudante; Instituto Federal de Santa Catarina; Garopaba, SC.

RESUMO: A extração de Produtos Florestais Não Madeireiros tem sido vista como uma alternativa para a exploração sustentável de recursos vegetais. A Área de Proteção Ambiental (APA) da Baleia Franca é uma Unidade de Conservação (UC) de Uso Sustentável que visa compatibilizar a conservação e o uso dos recursos naturais presentes na região. Este projeto teve como objetivo levantar as atividades de extrativismo vegetal que ocorrem no território da APA, de modo a contribuir com a elaboração do plano de manejo desta UC. Foi realizada uma ação de pesquisa participativa junto ao Conselho Gestor da APA da Baleia Franca para levantamento inicial de informações. Em seguida foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com 19 extratores, e saídas a campo para coleta e identificação do material botânico. Foram levantadas nove espécies e dois grupos de plantas extraídas com fins econômicos. Das espécies levantadas, a que apresentou exploração significativa e que apresenta características peculiares foi o butiá (*Butia catarinensis*), demandando pesquisas mais aprofundadas sobre aspectos da biologia, ecologia e manejo da espécie. As principais dificuldades apontadas pelos entrevistados foram a desvalorização do artesanato com produtos locais e o acesso aos locais de coleta. Conclui-se que para a elaboração de estratégias de conservação pelo uso, em que se garantam a conservação da biodiversidade e o acesso ao uso de recursos pelas populações locais, é necessário o aprofundamento da pesquisa em relação às espécies exploradas.

Palavra Chave: Produtos Florestais Não Madeireiros, Unidade de Conservação de Uso Sustentável, Plano de Manejo.

INTRODUÇÃO

A extração de produtos florestais é uma das atividades mais antigas da humanidade. A extração de madeira traz impactos claros de redução das populações naturais de espécies arbóreas, uma vez que o corte geralmente causa a morte do indivíduo. Em contrapartida, a exploração de Produtos Florestais Não Madeireiros (PFNM) é vista como uma forma de exploração sustentável de recursos naturais. Porém, estudos ecológicos sobre exploração de PFNMs vem demonstrando que a forma de exploração dos mesmos pode causar impactos sobre as populações e ecossistemas (Ticktin, 2004; Clement, 2006).

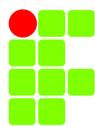
As Unidades de Conservação (UC) de Uso Sustentável são áreas protegidas do território nacional que tem como objetivo compatibilizar a conservação da natureza com o uso sustentável de parcela dos seus recursos naturais (Brasil, 2000). Visando potencializar o papel das UCs no desenvolvimento sustentável e na redução da pobreza, o Plano Estratégico Nacional de Áreas

Protegidas (PNAP) tem com um de seus objetivos específicos “fortalecer as práticas de manejo sustentável dos recursos naturais nas Ucs (...) que contribuam com a redução da pobreza” (Brasil, 2006).

A Área de Proteção Ambiental (APA) é uma categoria de UC de Uso Sustentável que visa proteger a diversidade biológica, disciplinar o processo de ocupação e assegurar a sustentabilidade do uso dos recursos naturais (Brasil, 2000). A APA da Baleia Franca ocupa uma área de 156.100 hectares no litoral centro-sul de Santa Catarina, sendo cerca de 40% em ambiente terrestre.

Considerando as finalidades da APA da Baleia Franca de ordenar e garantir o uso racional dos recursos naturais da região e ordenar a ocupação e utilização do solo e das águas (Brasil, 2000b), o conhecimento sobre as atividades econômicas realizadas na região é de extrema importância.

Dentre as atividades econômicas realizadas na região, a extração e comercialização de espécies da flora é muitas vezes ignorada nos indicadores



oficiais. O conhecimento sobre tais atividades é essencial para subsidiar a elaboração de planos de manejo sustentável das espécies exploradas, de forma a garantir que se mantenha e se aprimore a obtenção de renda pelos extratores e se garanta a conservação das espécies e ecossistemas.

Esta pesquisa teve como objetivo geral levantar e caracterizar as atividades de extrativismo vegetal realizadas no território da APA da Baleia Franca, e como objetivos específicos: Levantar informações sobre as atividades de extrativismo vegetal realizadas na APA da Baleia Franca; Localizar e realizar entrevistas com os praticantes de extrativismo vegetal na APA da Baleia Franca; Identificar quais os recursos vegetais utilizados e para quais finalidades; Identificar e mapear as áreas onde ocorre extrativismo vegetal.

METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada utilizando técnicas selecionadas de pesquisa etnobotânica, sendo elas: pesquisa participativa, amostragem por seleção intencional de informantes-chave e aplicação de questionários semi-estruturados (Alexiades, 1996; Tongco, 2007; Albuquerque *et al.*, 2008).

Levantamento inicial

Para levantamento inicial de informações, considerando a representatividade das diversas parcelas do território pelos membros do Conselho da APA da Baleia Franca, foi realizada uma apresentação do projeto em uma Plenária Ordinária do Conselho. Foi utilizada metodologia de pesquisa participativa, em que os conselheiros foram estimulados a informar as atividades de extração vegetal que conheciam em suas áreas de atuação, e localizá-las em um mapa plotado em tamanho grande (1,20X1,60).

Entrevistas

Posteriormente foram localizados extratores de recursos vegetais através de indicações, os quais foram contactados e convidados a participar da pesquisa. A aceitação foi seguida da assinatura do termo de consentimento prévio e a realização de entrevista semi-estruturada. As entrevistas realizadas foram gravadas e transcritas.

Após as entrevistas, foram realizadas saídas a campo, acompanhadas dos entrevistados, para coleta e identificação do material botânico. As

saídas a campo foram filmadas, com objetivo de registrar a forma de coleta e manuseio das plantas extraídas.

Análise de dados

Os dados foram analisados de forma qualitativa. Foram analisados os dados sócio-econômicos dos extratores e as informações sobre as coletas, gerando uma lista de espécies extraídas, finalidades e locais de extração.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Levantamento inicial

A oficina participativa com os membros do Conselho da APA da Baleia Franca resultou na indicação de seis produtos vegetais extraídos: samambaia-preta, butiá, jerivá, junco, cipó e arnica. A coleta de butiá foi considerada a atividade de extração vegetal mais significativa da região, tendo sido citada a existência da mesma nos municípios de Imbituba, Laguna e Jaguaruna.

Entrevistas

Foram realizadas 19 entrevistas com extratores, sendo 14 homens e 5 mulheres.

A idade dos extratores variou de 22 a 64 anos. A atividade de extração vegetal é a principal fonte de renda para 74% dos entrevistados.

Foram levantadas nove espécies de plantas utilizadas e dois grupos, representados por mais de uma espécie (Tabela 1).

Tabela 1: Listagem de plantas extraídas na APA da Baleia Franca obtida através de 19 entrevistas com extratores.

Nome popular	Nome científico	Parte coletada	Finalidade
Erva baleeira	<i>Varronia curassavica</i>	Folha	Medicinal
Arnica	<i>Wedelia trilobata</i>	Flores	Medicinal
Aroeira	<i>Schinus thebintifolius</i>	Casca	Medicinal
Carqueja	<i>Baccharis</i> sp	Folhas	Medicinal
Cavalinha	<i>Equisetum</i> sp	Caule	Medicinal
Jerivá	<i>Syagrus romanzofianum</i>	Folhas, cacho, estipe, espata	Artesanato
Taboa	<i>Typha</i> sp	Folha	Artesanato

Junco	<i>Eleocharis</i> sp	Folha	Artesanato
Butiá	<i>Butia catarinensis</i>	Folhas, frutos, cacho, espata	Artesanato, alimento
Cipós	Não identificado	Caule	Artesanato
Bambus	Não identificado	Caule	Artesanato

Dos 19 entrevistados, 14 (74%) eram praticantes de extrativismo de *Butia catarinensis*. A parte extraída é o fruto, utilizado principalmente para a fabricação de suco, sorvete e cachaça curtida. Algumas pessoas ainda extraem a folha, o cacho e a espata para artesanato, sendo tal uso mais importante no passado. O grau e a forma de extração variaram de acordo com os locais de extração, sendo necessários estudos mais aprofundados para avaliar o impacto nas populações naturais. O *B. Catarinensis* trata-se de uma espécie de palmeira com distribuição restrita, endêmica do litoral de Santa Catarina e norte do Rio Grande do Sul. Considerando que as pesquisas relativas a essa espécie ainda são muito incipientes e pontuais (Rosa *et al*, 1998, Kumagai e Hanazaki, 2011, Sampaio *et al*, 2012) e que boa parte das populações adensadas ocorrem no território da APA da Baleia Franca, é necessário priorizar a pesquisa para subsidiar planos de conservação e manejo da espécie.

A samambaia-preta, citada no levantamento inicial, trata-se de um caso em que não foi possível realizar a entrevista com extratores. Foi feito contato em campo com um casal de extratores, que se recusaram a participar da pesquisa. Kumagai e Hanazaki (2011) relatam que moradores de uma área com grandes remanescentes de restinga no município de Imbituba, conhecida localmente como Areais da Ribanceira, afirmam que extratores de *R. adiantiformis* vindos de outros municípios, realizam queimadas criminosas na área, uma vez que a espécie tem rápida regeneração após o fogo. Outro entrevistado do município de Garopaba também constatou a presença de extratores de *R. adiantiformis* vindos de outras localidades. A extração de *R. adiantiformis* ocorre principalmente para o uso ornamental em floriculturas, para composição em arranjos, buquês e corôas. No Rio Grande do Sul a exploração da espécie ocorre em grande escala, tendo sido realizada uma série de trabalhos para buscar alcançar o manejo sustentável da mesma (Souza *et al*, 2008).

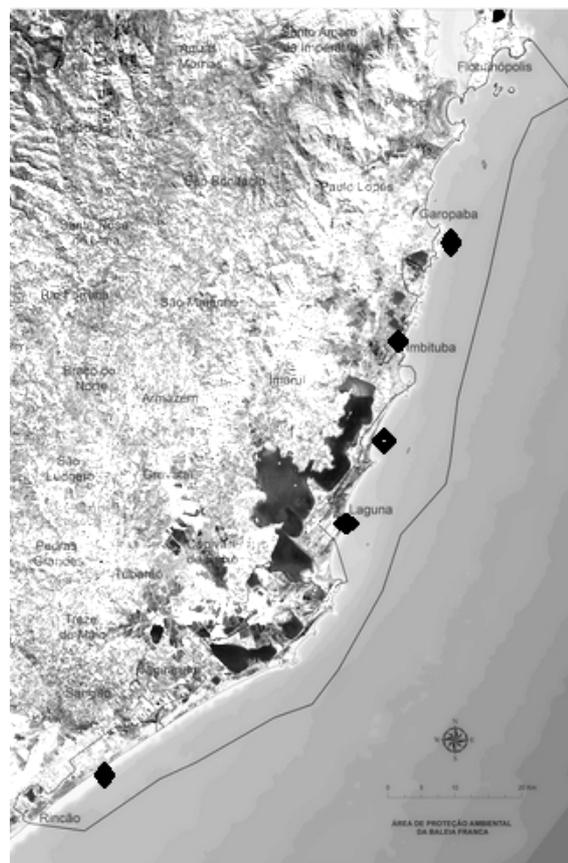
As espécies extraídas para finalidade medicinal e artesanato não apresentam um grau de

extração significativa para a geração de impactos populacionais ou ecossistêmicos, sendo a forma de extração pontual e as quantidades pequenas. Os entrevistados praticantes de artesanato relataram que a prática era mais expressiva no passado.

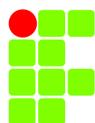
Todos os entrevistados afirmaram que enfrentam dificuldades na atualidade devido a diminuição das áreas de extração, tendo que se deslocar para locais específicos a fim de encontrar as espécies procuradas. Tal dificuldade se deve à transformação das áreas de uso comum em áreas privadas. A presença de cercas, muros e construções em áreas onde se praticava o extrativismo no passado foi apontada como o principal obstáculo ao uso das espécies locais.

Outro desafio levantado, particularmente pelos praticantes de artesanato, foi a desvalorização dessa forma de produção, sendo muitas vezes substituída pelos consumidores por produtos sintéticos com menor preço, ou por produtos importados de regiões como Índia e Indonésia.

Figura 1: Locais onde ocorre extração vegetal na Área de Proteção Ambiental da Baleia Franca (SC).



Legenda: ◆ Áreas onde ocorre extrativismo vegetal.



A extração de plantas ocorre predominantemente em áreas de restinga, banhados e beiras de lagoa (Figura 1). Tais áreas apresentam grande fragilidade, sendo em sua maior parte protegidas pelo Código Florestal como Áreas de Preservação Permanente (Brasil, 2012). Ainda assim, são em boa parte consideradas como áreas passíveis de ocupação nos planos diretores municipais. A transformação destas áreas em zona urbana ou industrial acarretará tanto a perda de biodiversidade e de importantes serviços ecossistêmicos (citação), quanto a escassez de produtos locais de importância econômica.

CONCLUSÕES

O conhecimento sobre as atividades de extrativismo em APAs é essencial para assegurar os objetivos de tais Unidades de Conservação de compatibilizar a proteção da biodiversidade e o uso sustentável de recursos.

O levantamento das atividades de extrativismo vegetal na APA da Baleia Franca apontou uma lista de espécies extraídas com finalidades econômicas, sendo que a maior parte dos entrevistados depende destes recursos como principal fonte de renda.

É necessário o desenvolvimento de pesquisas mais aprofundadas sobre aspectos da biologia, ecologia e formas de extração e manejo das espécies exploradas. A espécie que apresenta maiores evidências de uso intensivo e de vulnerabilidade é o *B. catarinensis*.

A estratégia de conservação pelo uso, em que as espécies passam a ter valor econômico agregado fortalecendo a necessidade de preservação dos ecossistemas em que ocorrem, deve ser um ponto crucial no estabelecimento dos planos de manejo das APAs.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação do Instituto Federal de Santa Catarina pelos recursos financeiros que viabilizaram a execução da pesquisa, ao Câmpus Garopaba pelo apoio e aos entrevistados e colaboradores por terem aceitado participar da pesquisa e disponibilizado seu tempo e atenção.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. P. & CUNHA, L.V.F.C.(orgs.) **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica - 2ª edição**. Recife: NUPEEA, p.21-40,

2008.

ALEXIADES, M.N. Collecting Ethnobotanical Data: An introduction to basic concepts and techniques. In: Alexiades, M.N. (Ed.). **Selected guidelines for ethnobotanical research: a field manual**. Nova York: New York Botanical Garden, p.54 – 93, 1996.

BRASIL, **Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC): Lei nº9.985**, 18 de julho de 2000.

BRASIL, **Decreto de Criação da Área de Proteção Ambiental da Baleia Franca: Decreto s/n**, de 14 de setembro de 2000b.

BRASIL, **Plano Estratégico de Áreas Protegidas: Decreto nº5.578**, de 13 de abril de 2006.

BRASIL, **Lei nº 12.651**, de 25 de maio de 2012.

CLEMENT, C.R. A Lógica do Mercado e o Futuro da Produção Extrativista. In: VI Simpósio Brasileiro de Etnobiologia e Etnoecologia, Sessão 5: O (neo) extrativismo é viável socioambientalmente? Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, Univ. Fed. Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2006.

KUMAGAI, L.; HANAZAKI, N. Ethnobotanical and ethnoecological study of *Butia catarinensis* Noblick & Lorenzi: contributions to the conservation of an endangered area in southern Brazil. **Acta Botanica Brasilica** 27(1): 13-20, 2013.

ROSA, L., CASTELLANI, T. T. E REIS A. A. Biologia reprodutiva de *Butia capitata* (Martius) Beccari var. *odorata* (Palmae) na restinga do município de Laguna, SC. **Revista Brasileira de Botânica** 21 (3): 281-287, 1998.

SAMPAIO, L.K.A.; PERONI, N.; HANAZAKI, N. Influência da despolpa do fruto e do choque térmico na germinação de *Butia catarinensis* Noblick & Lorenzi. **Revista Brasileira de Biociências** 10 (1): 127-130, 2012.

SOUZA, G.C.; KUBO, R.; GUIMARÃES, L.; ELISABETSKY, E. 2006. An ethnobiological assessment of *Rumohra adiantiformis* (samambaia-preta) extractivism in Southern Brazil. **Biodiversity and Conservation**, v. 15, p. 2737–2746.

TICKTIN, T. The ecological implications of harvesting non-timber forest products. **Journal of Applied Ecology** 41(1): 11-21, 2004.

TONGCO, M. D. C. Purposive Sampling as a Tool for Informant Selection. In: **Ethnobotany Research & Applications** 5, San Diego, p. 147-158. 2007.